

Ano IV - nº 30  
25 de Junho 2010

# folhaliterária

ESPECIAL 2 de julho

## INDEPENDÊNCIA E HEXA: É O GRITO DOS BAIANOS NESTE DOIS DE JULHO

### HINO AO "DOIS DE JULHO"

Letra: Ladislau dos Santos Titara  
Música: José dos Santos Barreto

Nasce o sol a 2 de julho  
Brilha mais que no primeiro  
É sinal que neste dia  
Até o sol é brasileiro!

Cresce, oh! Filho de minha alma  
Para a pátria defender,  
O Brasil já tem jurado  
Independência ou morrer.

Nunca mais o despotismo  
Regerá nossas ações  
Com tiranos não combinam  
Brasileiros corações!

Salve, oh! Rei das campinas  
De Cabrito e Pirajá  
Nossa pátria hoje livre  
Dos tiranos não será!



Foto: Carlos Souza

#### DESTAQUES

##### Artigo

"A Consolidação da Independência do Brasil", Prof. Paulo de Jesus fala sobre a guerra na Bahia.

Pág. 2



Foto: Carlos Souza

##### Literatura

Em ano de Copa do Mundo, confira o conto sobre futebol do escritor Elieser Cesar.

Pág. 3

##### Poesias

Versos de João de Brito sobre o celebrado Dois de Julho - Independência da Bahia.

Pág. 4

## editorial Prof. Ubiratan Castro

Àqueles que afirmam que a literatura se afastou da vida comum só podemos dizer que, infelizmente, eles não leem literatura. Se lessem, não diriam isso.

A prova é a Folha Literária que preparamos para este período mais do que especial, em que os festejos do Dois de Julho e da Copa do Mundo – a primeira num país africano – misturam-se, numa amálgama de civismo e entusiasmo pela bola. Há narrativas de futebol e versos sobre a heroína da Independência, Maria Quitéria, sobre o povo heróico e os grandes da pátria no Dois de Julho. Vamos, portanto, acrescentar mais um ingrediente a esta salada e torcer para que, se o Brasil não for feliz na África, que o seja um país africano – a própria África do Sul, digamos – , para que os negros possam dizer, parafraseando o poeta negro norte-americano Langston Hughes – que um dia cantou Eu também sou América! – “ Nós também somos o Mundo!”

Campeões do Mundo!

Boa leitura e bons jogos!



Imagem: Divulgação

## expediente

A **Folha Literária** é um informativo produzido pela Assessoria de Comunicação e pelo Núcleo Livro, Leitura e Literatura da Fundação Pedro Calmon / Secretaria de Cultura, em parceria com a Empresa Gráfica da Bahia (Egba).

**Diretor Geral (FPC)** Ubiratan Castro Araújo  
**Diretor Geral (Egba)** Luiz Gonzaga Fraga de Andrade

**Coordenação editorial** Lúcia Santori, Mayrant Gallo, Graça Câmara e Jorge Lavigne (NLLL)

**Jornalista Responsável** André Santana DRT/BA 2226

**Arte e Diagramação** Lucas Queiroz

**Projeto Gráfico** P55 Design / www.p55.com.br



Para críticas e sugestões, entre em contato conosco pelos telefones: (71) 3116-6918/6919/6676, por fax: (71) 3116-6660 ou por email: [ascom.fpc@fpc.ba.gov.br](mailto:ascom.fpc@fpc.ba.gov.br).

Acompanhe também as demais programações da Fundação Pedro Calmon pelo site [www.fpc.ba.gov.br](http://www.fpc.ba.gov.br)

## A Consolidação da Independência do Brasil

Paulo Cesar Oliveira de Jesus. Diretor de Arquivos da FPC.



Foto Reprodução: Quadro "Primeiros passos para a Independência do Brasil", de Antônio Parreira - RJ

Para muitos brasileiros a frase “Independência ou morte!”, proferida por D. Pedro I às margens do rio Ipiranga, marcou definitivamente o início da autonomia política do Brasil em relação a sua antiga metrópole, Portugal. E mais ainda: este momento só foi possível pela competência articuladora do paulista José Bonifácio de Andrada e Silva, reconhecido em seguida como Patriarca da Independência. Considerando os exageros interpretativos que cercam o tema, podemos afirmar que, no caso do Nordeste e especificamente da Bahia, a separação foi resultado de um processo muito mais violento.

Na Bahia, o rompimento com Portugal precedeu muitos episódios de caráter político-militar que ocorreram na cidade de Salvador e em seu entorno, o Recôncavo. Entre 1820, quando eclodiu a Revolução Liberal na cidade do Porto, em Portugal, que exigia a instauração de um parlamento (as Cortes), e o 2 de julho de 1823, momento da saída das tropas comandadas por Madeira de Melo da cidade de Salvador, muito coisa se passou. Muito sangue correu, muitas vidas foram perdidas, agrupamentos militares ganharam contornos de exército regular, contingente de voluntários negros e mestiços e até escravos foram mobilizados para lutar e muitos arranjos entre grupos políticos pró e contra a separação foram costurados.

Inicialmente, um grupo de civis e militares declarou-se favorável às Cortes, mas os deputados baianos, ao chegarem em Portugal, perceberam que em meio aos projetos lusitanos havia o interesse de recolonizar o Brasil. Como consequência, surgem as primeiras divergências entre partidários da causa do Brasil e portugueses interessados em reconduzir o Reino Unido do Brasil à antiga condição de simples colônia portuguesa na América. Os primeiros conflitos ocorrem ainda no ano de 1821, quando do reconhecimento da legitimidade da Revolução, deflagrada no Porto pelo levante militar no forte de São Pedro. No ano seguinte, os conflitos se acirraram com a chegada da notícia da nomeação de Madeira de Melo para o governo das armas na Bahia, em 19 de fevereiro do ano de 1822. A partir de então, os combates em campo aberto em mar e terra baianos assumiram caráter de guerra civil e duraram até a expulsão das tropas lusitanas, em 2 de julho de 1823.

Mesmo sendo um conflito relativamente curto, um pouco mais de um ano, este foi um dos episódios mais importantes para a consolidação da ideia de unidade do território brasileiro. Basta lembrar que, sem a Bahia, o novo país perderia uma das mais ricas e estrategicamente bem localizadas províncias do território, comprometendo a própria adesão de todo o Norte (Maranhão e Pará) à causa da Independência do Brasil. Para Portugal, garantir o controle da Bahia poderia, por exemplo, permitir possíveis investidas no sentido de tentar reconquistar o território brasileiro. Ou seja, o desfecho do conflito na Bahia interessava muito a ambos os lados, e a vitória dos partidários da causa do Brasil foi fundamental para definir o que somos hoje como nação.

A guerra na Bahia foi resultado do entendimento de que a separação de sua antiga Metrópole era algo irreversível diante da tentativa de redução das prerrogativas sociais, políticas e econômicas que o Brasil havia conquistado durante os anos em que a Corte esteve sediada no Rio de Janeiro. Podemos afirmar que as lutas pela independência do Brasil na Bahia, sobretudo a vitória celebrada com a marcha triunfal pela cidade, foram fundamentais para a manutenção da integridade do território do país que hoje nós chamamos orgulhosamente de Brasil. Nesse sentido, o Dois de Julho foi o último passo daquele momento presente e o primeiro de um tempo futuro.

## O PEQUENO GABI

*Jogada desleal interrompe a trajetória de craque de Gabriel Saraiva.*

— Eu fazia o que queria com a bola.

O destemido Juju rouba a bola do adversário, no meio-de-campo e lança rápido para o pequeno Gabi, ala direita arisco e abusado. Gabi domina a bola, com categoria, que mansa, cai, rendida aos seus pés, arranca lépido pela diagonal, dá um drible desconcertante no zagueiro, que chega afobado na jogada e consegue apenas a desconcertante posição de ficar sentado, a bunda para o chão, vendo o avanço, triunfal, do adversário. Prevendo o pior, o goleiro sai procurando uma dividida. O esperto ala dá um tapinha, de chapa, na bola que faz um curva em semicírculo e vai morrer nas redes.

Mais um gol do Pequeno Gabi, com a colaboração de Juju, o endiabrado e, agora, saudoso, Juvenal. Naquele tempo, nos babas e torneios do Campo do Papagaio, na Península de Itapagipe, na Cidade Baixa, Gabi e Juju formavam uma dupla para lá de entrosada, como Pelé e Coutinho, nos anos dourados do Santos, Romário e Bebeto, na Copa do Mundo de 1994, Ronaldo e Rivaldo, na Alemanha em 2002, ou o “Casal 20”, os jogadores Washington e Assis, do Fluminense do Rio de Janeiro, nos anos 80, ou ainda Zico e Adílio, do Flamengo daquela mesma década do século passado.

O Pequeno Gabi, apelido com que Gabriel Saraiva ficou conhecido nos campos de futebol na Península de Itapagipe e pelo qual é lembrado até hoje por quem apreciou seu futebol objetivo e refinado e ainda está vivo para contar a história, como, por exemplo, Hossanh Bahia, outro itapagipano da gema, que jogou no Fluminense de Feira de Santana, cidade onde ainda reside.

— Jogou, sim. Jogou muita bola. Não se profissionalizou porque não quis ou não deixaram — atesta Eduardo Domingos, o dono do antigo restaurante árabe e amigo do radioescuta há décadas.

Quando fala da curta temporada nos gramados, ou melhor, nos campos de barro, que gramado era luxo para o Campo da Graça, Gabriel Saraiva não conhece modéstia e nem tem papas na língua:

— Jogava pra caralho. Como ala direita fazia gol de todo jeito, até de calcanhar. Meu companheiro era Juju, Juvenal de Oliveira Brito, nascido em 18 de janeiro de 1910. Eu era Gabi, o Pequeno Gabi. Com Gabi e Juju, não tinha pra ninguém. A gente deitava e rolava em campo. Juju já morreu. Meu futebol era tão comentado, que um amigo de infância, José Amado Bahia de Araújo, procurador do Estado, dizia nunca ter visto uma pessoa jogar como eu. Joguei como

Garrincha e Luiz Viana, que batia escanteio e pênalti de paulista.

— Como Garrincha, Seu Saraiva? — duvido.

— Parecido. Nosso estilo era muito parecido. Eu também partia para cima dos zagueiros, bola colada no pé, oferecendo-a praticamente ao adversário, para depois dar o drible fatal.

— Então, o Senhor era a alegria do povo de Itapagipe... — brinco com a alusão ao apelido de Garrincha, “Alegria do Povo”.

— Só de Itapagipe, não. De toda Salvador — devolve Saraiva, como um jogador repassa, rápido a bola, numa tabelinha bem feita.

— Jogava em que time?

— Joguei no Baiano, um time que só jogava craque, os melhores de Itapagipe. O uniforme era preto e branco...

— Como o Botafogo...

— Exato, como o Botafogo. Eu me lembro de um jogo, que empatávamos por 1 a 1, quando, nos momentos finais, Juju lançou para mim, sai pela direita, driblei o beque central e o goleiro e chutei para as redes. Foi uma consagração. O futebol não era tão violento como agora. Era mais arte. O futebol era ro-mân-ti-co, ro-mân-ti-co. Naquele tempo, até cuspe curava contusão.

— Cuspe?!

— Se não tinha Gelol...

Quero saber por que um jogador tão promissor pendurou, precocemente, as chuteiras. A história é triste, mas Gabriel Saraiva não demonstra nenhuma tristeza na voz ou na expressão brincalhona de sempre. Parece conformado com o destino que o afastou dos gramados e quem sabe da glória futebolística, como um herói mitológico e trágico, incapaz de se desvencilhar de um labirinto previamente traçado pelos deuses.

Tudo por conta do pai, o engenheiro civil Frederico Simas Saraiva, que não queria o filho jogando futebol, coisa de malandro, de desocupado, profissão sem futuro, aliás, profissão coisa nenhuma, era lazer; melhor que o Pequeno Gabi trocasse a bola pelos livros e fosse estudar para ter uma profissão decente e devolver, aos seus, a esperança no futuro. Acossado por estes pensamentos, o engenheiro decidiu passar da reflexão para a tática e armou uma jogada para o filho, daquelas certas, mortais e irreversíveis que os adversários do pequeno Gabi, com a bola rolando, não conseguiram arquitetar em campo. Combinou com o cunhado e tio do rapaz, Antônio França, cirurgião e catedrático de renome na

cidade, que o sobrinho iria procurá-lo para um exame de rotina. Sem a mesma malícia que demonstrava em campo, o Pequeno Gabi foi ao consultório do Doutor França. A armadilha já estava preparada entre pai e tio. O diagnóstico deveria ser arrasador, como o frango do goleiro em decisão de campeonato. Foi como um pênalti perdido aos 45 minutos do segundo tempo, que resulta também na perda do campeonato para um time que estava com as duas mãos na taça e já comemorava a conquista gorada.

O tio examinou o Pequeno Gabi, mandou que ele falasse trinta e três, auscultou seus pulmões com o estetoscópio, mediu sua pressão arterial, fez cara de preocupado, caminhado de um lado para o outro do consultório e, por fim, emitiu o terrível diagnóstico:

— Se você continuar jogando bola, vai morrer dentro de campo. Seu coração é fraco e não resistirá. Se quer continuar jogando, não me responsabilizo por nada.

— Aí parei de jogar — resume, Gabriel Saraiva, quase sete décadas depois, sem mágoa nenhuma, como se apenas lhe houvessem roubado um pirulito na infância (e aí está a grandeza do Pequeno Gabi, reserva da infância ainda atuante nos gramados do coração do velho radioescuta).

Com Professor Saraiva “é tudo na base da prova”.

— Uma testemunha de que eu jogava muita bola é Hossanh Bahia, quarto-zagueiro titular do Fluminense de Feira de Santana. Ainda está vivo. Ele ia para Itapagipe me ver jogar bola. O locutor Nilton Nogueira, o clássico (pode botar) foi transmitir uma partida do Fluminense de Feira e perguntou para Hossanh: “Esse Gabriel Saraiva não é o Pequeno Gabi de Itapagipe? Jogava demais!”.

Se teve que deixar os campos, por culpa do sortilégio do pai e do tio, o radioescuta continuou vivendo do futebol:

— Quem sabe eu poderia ter sido campeão pelo Bahia ou pelo Botafogo do Rio. Mas, não tenho nenhuma frustração por haver largado o futebol. Tinha que acontecer. Aconteceu. Pronto! Posso lá apagar o passado?! Até hoje, vivo do futebol. Trabalhei em rádio. Entendeu?

Final do primeiro tempo.

**ELIESER CESAR.** Escritor, jornalista e professor. O texto acima é um excerto do capítulo 5 do livro *Gabriel Saraiva, ouvido de ouro da Bahia* (no prelo).

# Poesia

## Poesia

FRANCISCO MONIZ BARRETO

“Feita e recitada no esplêndido festim patriótico do Exm. Sr. Barão de Passé, ao passarem os carros triunfais de volta para a Lapinha”.

Ei-la a indígena formosa,  
Que representa, orgulhosa,  
Minha Bahia gentil!  
Ei-lo o Índio triunfante,  
Que simboliza o gigante  
Império do meu Brasil!

Ei-los cobertos de flores,  
Rodeados dos fulgores  
Da popular ovação,  
Os emblemas da vitória,  
Que o selo pusera à glória  
Da nossa emancipação!

Curva-te, povo baiano,  
Povo heróico americano,  
Ante esses ídolos teus!  
Em marcha solene e tarda,  
Leva-os ao sítio, onde os guarda  
A sentinela de DEUS!

Povo! União, patriotismo!  
Não consintas que o cinismo  
Desse *governo europeu*  
Manche o dia *Dous de Julho*,  
O dia do nosso orgulho,  
Que independência nos deu!

Pela sua valentia,  
Brasil, meu Brasil, um dia,  
Possam os teus filhos ver  
Às tuas plantas vencido,  
Da ousadia arrependido,  
O *Leopardo* gemer!

Eia, patrícios queridos,  
À *Lapinha* bem unidos,  
Sim – bem unidos – marchai!  
Circunspeção, harmonia!  
Vivas à pátria, ao seu dia,  
Ao seu monarca e seu pai!

Diário da Bahia, 11 jul. 1863.



Imagem: Divulgação

## A Heroína

FRANKLIN DÓRIA

Vede-a tão jovem, coração virgíneo,  
O amor da pátria veemente o alaga;  
Ela agora só cuida no extermínio  
Dos que tomaram-lhe a risonha plaga.

Deixa de parte fascinantes galas;  
Os doces seios lhe comprime a farda:  
E perfilada ante as imigas alas,  
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Nasceu, criou-se no sertão adusto,  
A duros transes, a brincar, se afez,  
Calejou no lavor braço robusto;  
Ao sol expôs-se, que tisnou-lhe a tez.

Um dia soube de infernais cabalas;  
Guerra! exclamaram; a partir não tarda:  
E perfilada ante as imigas alas,  
Não sabe trepidar, não se acobarda.

As intempéries abandona a roça,  
Onde verdeja o arrozal formoso:  
A porta fecha da rasteira choça,  
E diz adeus ao sabiá queixoso.

Longe inda escuta-lhe as saudosas falas;  
Mas segue, sobre o ombro uma espingarda:  
E perfilada ante as imigas alas,  
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Tem no semblante varonil reflexo;  
Tem nos seus olhos faliscar de fera;  
Santo respeito lhe granjeia o sexo,  
Sua bravura mil espantos gera.

Suas proezas não sei eu contá-las,  
Por mais que o lábio por contá-las arda!  
E perfilada ante as imigas alas,  
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Não era mais a tabaroa amável,  
Cheia de graças, cheia de ademães;  
Era a amazona, a executar notável  
As vozes dos valentes capitães.

Por sobre os ombros lhe zuniam balas,  
Que vomitava a colossal bombarda:  
E perfilada ante as imigas alas,  
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Firme no posto, viu pender ferido  
Mais de um valente, que animava a glória.  
Enfim, o estranho foi por nós vencido,  
E ela partilha da imortal vitória.

Roça e cabana, vai de novo amá-las,  
Mas nunca despe a agaloada farda:  
E já desfeitas as imigas alas,  
Não sabe trepidar, não se acobarda.

*Enlevos*. Recife, 1859. p. 81-3,

## OUTROS DESTAQUES:

Acompanhe a extensa programação em celebração ao Dois de Julho nas bibliotecas públicas do Estado da Bahia. Haverá exposições, palestras, oficinas e atividades literárias.

## Dous de julho

JOÃO DE BRITO

Mais uma vez a terra de Moema  
Vai dar a ler ao mundo o seu poema  
De glória e tradição;  
Poema que com sangue fora escrito,  
Cujas folhas possuem do granito  
A eterna duração.

Pululam nele homéricas façanhas.  
Perfis de heróis, que excedem das montanhas  
Os vultos colossais,  
Destacam-se dali, nessa postura  
Em que há de vir tomá-los a escultura  
Para os seus pedestais.

Inda estão suarentos da batalha!  
São mortos que têm farda e não mortalha,  
Que se gasta no chão;  
Santos canonizados pela história,  
Insepultos que tem, à luz da glória,  
Sua ressurreição.

São os grandes da pátria, os redivivos,  
Que se revoltam de inda haver cativos  
Debaixo deste céu;  
De inda haver quem num dia tão sagrado  
O rosto esconda, pela dor sulcado,  
Das lágrimas no véu...

Mas tem já perto a terra prometida  
Aquele para quem não passa a vida  
De pesadelo atroz.  
Bem como o berço, é livre a sepultura...  
Mais um esforço nobre, e a escravatura  
Tomará entre nós.

Quadro sublime e rico de esperanças,  
Abraçados os velhos e as crianças  
Já crêem no porvir.  
Na frente enevoadada pela idade  
Como que apraz ao sol da liberdade  
Deixa a luz cair.

A festa é sempre a mesma na grandeza.  
Une-se ao nosso esforço a natureza  
Em galas perenais:  
Há mais anil nos vastos horizontes,  
Mais verdura na clâmide dos montes,  
As aves cantam mais!

Do oceano na face que se agita,  
Funde-se inteira a abóbada infinita,  
Ninguém o pode ver.  
Há nele um coruscar de pedras finas;  
Como que se extravasam o encher.

Talha-se na floresta a enorme arcada,  
De sob a qual a fronte cobreada  
Levanta o índio audaz.  
Vestem-lhe o corpo as penas de mil cores,  
O rei das selvas que não tem senhores,  
Temido até na paz!

Não morre o “Dous de Julho” nesta terra.  
O grande sol que a nossa glória encerra  
Há de sempre brilhar.  
Qual do Amazonas a caudal potente,  
Afogue o povo do entusiasmo a enchente.  
Neste dia sem par.  
Itaparica, 1886.

*Lyra dos trópicos*. Lisboa: Adolfo, Modesto & Comp. 1888, p. 9-12.